

Pelo que diz respeito a obras de ficção há que registar o aparecimento do segundo livro de contos do jovem escritor, José Cardoso Pires, *Histórias de Amor* (Ed. Gleba). Com *Caminheiros* Cardoso Pires introduzira nas letras portuguesas uma nova técnica narrativa, técnica linear e cinematográfica, de frase bem travada, concisa, mudando constantemente o ângulo de visão da objectiva em relação ao objecto focado, como no-lo ensinaram os romancistas americanos. Em *Histórias de Amor* revela-nos uma nova faceta do seu talento de contista em pleno conhecimento de todos os recursos do estilo de ficção e da arte de construir a intriga, de fixar um momento, de apreender uma nota breve e erradia da sensibilidade, embora, por vezes, se deixe arrastar demais pelo modelo americano, criando personagens que saiem um pouco *fabricadas* no nosso meio, como o negro Simas (*Pequenos Vampiros*), numa atmosfera que tem muito de Faulkneriano. Porém estas deficiências desaparecem nos melhores contos do livro (*A Rapariga dos Fósforos*, *Uma Flor nos teus cabelos claros* e *Romance com data*), em que se afirma a originalidade do escritor, que dá assim a uma literatura pobre no género algumas das suas mais belas páginas. Pena é que a falta de espaço não me permita mais que uma breve nota crítica à obra de Cardoso Pires.

Não há nestes contos qualquer compromisso com a realidade. De princípio Cardoso Pires parece hesitar nos caminhos que escolheu, estar ainda preso a certas formas literárias e a um processo de reproduzir o real que vem de um universo romanesco: a velha da *Rapariga dos Fósforos* lembra o mundo das velhas de Raul Brandão, a mesma atmosfera crepuscular e baça. Incidentalmente quebra o fio da intriga, com prejuízo para a economia da efabulação, quando o narrador entra em divagações sobre D. Quixote e o rocinante (em *A Rapariga dos Fósforos*), mas não há aqui tergiversações com a realidade, nem mesmo quando a mesquinha vida doméstica contraponta com um ideal sonhado (*Uma Flor nos teus cabelos claros*).

Cardoso Pires é um escritor profundamente realista e soube dar nestes seus contos um aspecto particular da sociedade portuguesa nestes últimos anos: o descalabro moral e amoroso da classe média economicamente estrangulada ao ritmo do *boogie-woogie* americano.

A *Rapariga dos Fósforos* é um retrato acabado, consistente, que ganha volume e côr, à medida que o narrador nos confia as suas incertezas, as suas inquietações sobre o carácter da namorada. Aquele pudor meio-escondido em não querer "ser como as outras," o vago mistério de que se rodeia para que não se conheça a casa pobre, cheia de ralhos de miséria, as condições de vida que a apertam de todas os lados e a empurram para o destino da rua, fazem desta figura uma das mais bem desenhadas na nossa literatura depois da Luisa das *Singularidades de uma rapariga loura* de Eça de Queirós. É, porém, um tipo negativo, e o desfecho da novela fica em aberto, resumando péssimismo e desilusão.

Todavia não é sempre este o universo em que se movem as personagens de Cardoso Pires. Em *Romance com data* triunfa o amor consciente e lavado, o amor que não se dobra às injunções dos homens, nem teme os riscos da luta política.

A sinceridade e o vigor realista da obra de Cardoso Pires levaram à intervenção da Censura, que apreendeu o livro e o retirou do mercado.

L.S.R.

Lisboa,
Outubro de 1952.